

Marco António Moreira Dias*

**A inefabilidade do Transcendente – Belo, Bem, Deus –
em Plotino e Wittgenstein**

Resumo: No neoplatonismo de Plotino, poder-se-á encontrar a identificação da Unidade Primordial com o Belo e com o Bem em-si. No entanto, a primeira hipóstase é caracterizada pela sua inefabilidade, pois não é inteligível e encontra-se para além do próprio Ser. Neste sentido, este pensamento assemelha-se à declaração de Wittgenstein, presente no *Tractatus*, de que as proposições, devido à sua limitação, não podem expressar o místico e inefável, como o Belo e o Bem. Assim sendo, neste ensaio analisar-se-á a ininteligibilidade e a inefabilidade do Belo, expressa por Plotino, nas *Enéadas*, e pretender-se-á concluir, apesar das grandes

* Estudante do 2º ano do MA no Instituto de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, via Panorâmica Edgar Cardoso, s/n, 4150-564. Email: up202105910@edu.letras.up.pt

Civitas Augustiniana, 13 (2025) pp. 155-178

ISSNe: 2182-7141

<https://doi.org/10.21747/civitas/13a8>

diferenças entre ambos os sistemas, a convergência de tal pensamento com a filosofia do *Tractatus Logico-Philosophicus*.

Palavras-chave: Belo, Inefável, Plotino, Wittgenstein, Místico.

Abstract: In Plotinus' Neoplatonism, one can find the identification of Primordial Unity with the Beautiful and the Good in-itself. Nonetheless, the first hypostasis is characterized by its ineffability, as it is not intelligible and lies beyond being itself. In this sense, this thought resembles Wittgenstein's statement, found in the *Tractatus*, that propositions, due to their limitations, cannot express the mystical and ineffable, such as the Beautiful and the Good. Therefore, this essay will analyze the unintelligibility and ineffability of the Beautiful, as expressed by Plotinus in the *Enneads*, and will attempt to conclude, in spite of the considerable differences between the two systems, that this thought converges with the philosophy of the *Tractatus Logico-Philosophicus*.

Keywords: Beautiful, Ineffable, Plotinus, Wittgenstein, Mystical.

1. Introdução

Apesar da distinção entre a filosofia neoplatônica, de Plotino, e o atomismo lógico wittgensteiniano, neste ensaio pretender-se-á convergir ambos os sistemas através da inefabilidade do Belo e do Bem. Concluir-se-á, após a análise da filosofia presente nas *Enéadas*

e no *Tractatus Logico-Philosophicus*, que os dois sistemas estabelecem limites para o pensamento e para a linguagem, na medida em que declaram que o Belo e o Bem, por transcenderem o Ser, são ininteligíveis e, por isso, inefáveis.

2. A primeira hipóstase e a identidade entre o Uno, o Belo e o Bem

No neoplatonismo de Plotino, o filósofo declara que absolutamente todas as coisas existentes são causadas pelo Uno. Não obstante, não se deverá considerá-Lo como sendo também uma coisa existente, afinal a Unidade Primordial é a origem de todas as coisas, mas não as próprias coisas¹. Analogamente a Parménides, Plotino concebe que a primeira hipóstase não pode ser constituída por partes, pois, se fosse o caso, ter-se-ia de considerar a Unidade Primeira como sendo múltipla e tal é antagónico à própria natureza do Uno². Em última instância, é devido à pura simplicidade da primeira hipóstase que absolutamente todas as coisas existentes são causadas. Tal como o filósofo neoplatónico expressa no livro V das *Enéadas*: «É devido a nada o constituir que todas as coisas são por ele geradas:

¹ Cfr. Plotino, *Plotinus in Seven Volumes: Enneads V 1-9*, Harvard University Press, Cambridge MA 1984, p. 59. As citações de obras em língua inglesa foram traduzidas para português, sendo a tradução da minha autoria.

² Cfr. Platão, *Parménides*, Instituto Piaget, Lisboa 2001, pp. 51-52.

para que o ser exista, o Uno não pode ser, mas é antes o gerador do ser»³. Neste sentido, todas as entidades existentes, na medida em que são, dependem da existência da primeira hipóstase, no entanto, a Unidade, na medida que é a simplicidade pura e transcende toda a criação, de nada depende⁴.

Poder-se-á pensar o Uno como uma potência geradora de todo o ser. No entanto, não se deverá confundi-la com a matéria-prima, concebida por Aristóteles, na *Metafísica*. Afinal, a matéria-prima seria uma potência pura, informe, ininteligível e totalmente passiva⁵. Já a potência que é própria à natureza da primeira hipóstase é exatamente o antagónico a tal passividade⁶.

O Uno é eterno, pois tal como explicitado na obra *Fedro*, de Platão, aquilo que move outro e é por outro movido, com o findar do movimento, a sua existência cessará⁷. No entanto, como a primeira hipóstase de nada depende, e subsiste por si, é impossível que se dê o término da sua existência. Poder-se-á inferir, então, na medida em que a Unidade Primordial é eterna, a sua imutabilidade e, também, a sua imobilidade⁸. Não obstante, não se deverá pensá-la como análoga

³ Plotino, *Plotinus in Seven Volumes: Enneads V 1-9*, cit., p. 59.

⁴ Cfr. *ibid.*, pp. 113-115.

⁵ Cfr. Aristóteles, *Metafísica*, Edições Loyola, São Paulo 2002, p. 293.

⁶ Cfr. Plotino, *Plotinus in Seven Volumes: Enneads V 1-9*, cit., p. 127.

⁷ Platão, *O Banquete. Fedro. Apologia de Sócrates. Criton*, Edições 70, Lisboa 2008, pp. 237-238.

⁸ Cfr. Plotino, *Plotinus in Seven Volumes: Enneads V 1-9*, cit., p. 109.

ao motor imóvel, concebido por Aristóteles, na obra *Metafísica*⁹. O primeiro motor aristotélico, por ser atualidade e forma pura, pensa-se a si mesmo, ou seja, existe inteligibilidade inerente à Causa Primeira, de acordo com o aristotelismo¹⁰. Antagonicamente a esta conceção aristotélica, Plotino considera que é erróneo predicar a inteligibilidade ao Uno, pois declarar que a Unidade é inteligível é, em-si, atribuir multiplicidade à primeira hipóstase e, tal como apresentado anteriormente, tal é antagónico à sua natureza simples¹¹. Não obstante, toda a multiplicidade é gerada pela simplicidade pura, afinal, tal como declara Plotino no terceiro tratado das *Enéadas*: «É maravilhoso que a multiplicidade da vida é provinda da não-multiplicidade, e a multiplicidade não teria existido se o que não é múltiplo não tivesse existido antes»¹².

Em suma, todas as coisas existentes só são, pois derivam da primeira hipóstase, perfeita e simples, que se encontra além do próprio ser, transcendendo-o totalmente: «Todas as coisas existentes não são a origem, no entanto provieram de uma origem, e esta já não é uma das coisas existentes. A origem gera todas as coisas, não é

⁹ Cfr. *ibid.*, p. 43.

¹⁰ Cfr. Aristóteles, *Metafísica*, cit., pp. 563-565.

¹¹ Cfr. Plotino, *Plotinus in Seven Volumes: Enneads V 1-9*, cit., p. 117.

¹² Plotino, *Plotinus in Six Volumes: Enneads III 1-9*, Harvard University Press, Cambridge MA 1980, p. 395.

múltipla, mas gera toda a multiplicidade. O que gera é sempre mais simples do que o que é gerado»¹³.

Plotino, no tratado VI das *Enéadas*, concebe o Uno através de um argumento de cariz geométrico. O filósofo neoplatónico afirma que se poderá pensar a primeira hipóstase como sendo o ponto central de um círculo. Afinal, o que permite a existência de um círculo é o seu ponto central que, em-si, permanece fixo. Neste sentido, os círculos existentes em seu redor correspondem às hipóstases dele procedentes¹⁴. Para além desta analogia, Plotino também pensa a Unidade Primordial como o Sol, pois da mesma forma que o Sol, permanecendo fixo, gera múltiplos raios solares, também a Unidade Primordial, permanecendo fixa e imutável, gera a multiplicidade, isto é, gera a totalidade do ser¹⁵.

O Uno identifica-se totalmente com o Bem em-si. Tal como explicita Plotino, no tratado II, das *Enéadas*, o Bem em-si e a Unidade possuem as mesmas predicções, nomeadamente, a simplicidade e a autossubsistência¹⁶. Assim sendo, ‘o Bem’ e ‘o Uno’ são somente nomes distintos que significam a mesma coisa, a saber, a primeira hipóstase que, sendo sumamente simples e

¹³ Ibid., p.393.

¹⁴ Cfr. Plotino, *Plotinus in Seven Volumes: Enneads VI 6-9*, Harvard University Press, Cambridge MA 1988, p.331.

¹⁵ Cfr. Plotino, *Plotinus in Seven Volumes: Enneads V 1-9*, cit., p. 31.

¹⁶ Cfr. Plotino, *Enneads II*, Harvard University Press, Cambridge MA 1990, p.225.

transcendendo o ser, é a geradora de toda a existência. Além disso, também poder-se-á inferir, tal como já havia declarado Aristóteles, na obra *Ética a Nicómaco*, que «o bem é aquilo para que todas as coisas tendem»¹⁷. Neste sentido, todas as almas tendem para o Bem Primeiro, que é superior a todos os bens e que coincide com a primeira hipóstase, o Uno. Daí a razão de se considerar a Unidade Primeira não só como sendo o primeiro princípio, mas também o fim último das coisas¹⁸.

Neste mesmo sentido, poder-se-á identificar o Uno com o Belo em-si. Afinal, tal como explicita Plotino, no tratado I das *Enéadas*, «para Deus as qualidades do bem e da beleza são as mesmas»¹⁹. Não obstante, com tal pensamento não se pretenderá inferir que o Belo e o Bem constituem o Uno, pois tal colocaria em causa a simplicidade pura de Deus, mas antes que se identificam totalmente com a natureza simples e perfeita da primeira hipóstase. A sua beleza não se confunde com a inteligível, nem tampouco com a sensível, e não se deverá, sequer, considerá-la como sendo uma coisa existente. Em última instância, da mesma forma que o Uno é transcendente, encontrando-se além de todo o ser, também está o

¹⁷ Aristóteles, *Ética a Nicómaco*, Quetzal Editores, Lisboa 2020, p. 21.

¹⁸ Cfr. Plotino, *Porphyry on the Life of Plotinus and the Order of the Books, Enneads I 1-9*, Harvard University Press, Cambridge MA 1966, p. 253.

¹⁹ *Ibid.*, p. 251.

Belo em-si para além de todas as coisas belas²⁰. Em suma, o incessante gerador de ser, sumamente poderoso, é a flor de toda a beleza, é o Belo que gera tudo aquilo que é belo²¹.

3. A processão nas *Enéadas*

A superabundância da primeira hipóstase, que é a geradora incessante de ser, fá-la emanar aquilo que é distinto de si²² e, tal como expressa Plotino, no tratado V das *Enéadas*: «Este algo diferente-de-si, quando se torna ser, vê o Uno e é preenchido, tornando-se assim o Intelecto, na medida em que o contempla»²³. Assim surge a segunda hipóstase, nomeadamente o Intelecto, que em certo sentido é identificado com o ser²⁴. O Intelecto, não obstante, por ser uma imagem do Uno, é ontologicamente inferior à primeira hipóstase²⁵. Assim sendo, não conseguindo refletir a simplicidade da Unidade Primordial, multiplica-o gerando em-si, desse modo, uma multiplicidade de formas inteligíveis²⁶. Neste sentido, «o Intelecto e

²⁰ Ibid., p. 281.

²¹ Cfr. Plotino, *Plotinus in Seven Volumes: Enneads VI 6-9*, cit., p. 187.

²² Cfr. Plotino, *Plotinus in Seven Volumes: Enneads V 1-9*, cit., p. 127.

²³ Ibid., p. 59.

²⁴ Cfr. *ibid.*, p. 25.

²⁵ Cfr. *ibid.*, p. 33.

²⁶ Cfr. *ibid.*, p. 109.

o inteligível são um, e esta é a realidade primeira que possui o verdadeiro ser, ou melhor, que é o verdadeiro ser»²⁷. O Intelecto, antagonicamente à sua origem, é múltiplo, pois possui inteligibilidade. No entanto, na medida em que conhece a totalidade das formas que o constituem, também poder-se-á entendê-lo como sendo, em certo sentido, uma unidade. De acordo com Plotino: «a Inteligência é todas as coisas em simultâneo, e, também, não em simultâneo, pois cada uma das coisas é uma potência individual»²⁸. Poder-se-á pensar a segunda hipóstase da filosofia de Plotino analogamente à atividade do demiurgo platónico, presente na obra *Timeu*, pois a multiplicidade e diversidade de formas inteligíveis presentes no Intelecto é, por sua vez, a causa da multiplicidade e diversidade das coisas existentes no mundo sensível²⁹.

O ser puramente formal do Intelecto gera a Alma, que, por refletir a segunda hipóstase, é constituída pela imagem de todas as formas inteligíveis. Não obstante, da mesmíssima forma que o Uno permanece imóvel quando emana o Intelecto, também o Intelecto permanece inalterável quando dele emana a terceira hipóstase³⁰. A Alma é, em-si, constituída por diversas almas particulares que

²⁷ Cfr. *ibid.*, p. 87.

²⁸ Cfr. *ibid.*, p. 301.

²⁹ Platão, *Timeu*, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, Coimbra 2011, pp. 95-96.

³⁰ Cfr. Plotino, *Plotinus in Seven Volumes: Enneads V 1-9*, cit., pp. 59-61.

correspondem às múltiplas formas inteligíveis da Inteligência³¹. Assim sendo, toda a realidade da Alma depende do Intelecto e, em última instância, o ser do Intelecto depende daquilo que está além do ser, transcendendo-o completamente, a saber, o Uno. Na medida em que a Alma é a totalidade das almas particulares, a terceira hipóstase é a responsável por dar vida e, concomitantemente, ordenar o mundo dos seres sensíveis³².

A Alma é, então, a terceira e última hipóstase, pois tal como explicitado no Tratado III, visa replicar o movimento dos princípios que a antecedem; porém, o efeito desse movimento é a geração daquilo que carece de vida e já não a pode receber. Em suma, é a geração daquilo que nem é ser: a matéria informe, puramente passiva e potencial³³. Assim sendo, poder-se-á considerar que a Alma constitui duas faces, uma voltada para o Intelecto, para o verdadeiro Ser, outra voltada para a ilusão e aparência da matéria³⁴.

A alma humana faz parte da terceira hipóstase e contém múltiplas potências. Plotino considera, inspirado pelo aristotelismo³⁵, que a alma humana é dividida de maneira tripartida,

³¹ Cfr. Plotino, *Plotinus in Seven Volumes: Enneads IV 1-9*, Harvard University Press, Cambridge MA 1984, p. 51.

³² Cfr. Plotino, *Plotinus in Six Volumes: Enneads III 1-9*, cit., p. 371.

³³ Cfr. *ibid.*, p. 143.

³⁴ Cfr. Plotino, *Plotinus in Seven Volumes: Enneads IV 1-9*, cit., p. 421.

³⁵ Cfr. Aristóteles, *Da Alma*, Edições 70, Lisboa 2023, pp. 59-61.

a saber, pela potência intelectual, sensitiva e vegetativa³⁶. Não obstante, a potência intelectual equivale à parte superior da concepção platónica da alma, enquanto as restantes potências, nomeadamente, a sensitiva e vegetativa, equivalem à parte inferior da Alma³⁷. Porém, também se poderá encontrar, nas *Enéadas*, a existência de outra potência intermédia que está conectada tanto à parte superior da Alma, que contempla intuitivamente as formas inteligíveis do Intelecto, como à parte inferior da Alma (as potências vegetativa e sensitiva) que está voltada para a corporeidade e, concomitantemente, para a matéria. Esta potência é denominada de «discursiva» e é própria da alma intelectual enquanto enclausurada no corpo. Afinal, tal como declara Plotino no tratado IV das *Enéadas*: «O raciocínio discursivo somente atua no mundo sensível quando a alma já está perplexa e mais fraca, pois sentir a necessidade de raciocinar é uma diminuição do poder do Intelecto comparativamente à sua autossuficiência»³⁸. Mais:

Uma vez que a sua existência deriva do Intelecto, a alma é intelectual, e o seu intelecto está em raciocínios discursivos. A sua perfeição vem do Intelecto, como um pai que gera um filho imperfeito em relação a si mesmo³⁹.

³⁶ Cfr. Plotino, *Enneads II*, cit., pp. 231-233.

³⁷ Cfr. Plotino, *Plotinus in Seven Volumes: Enneads IV 1-9*, cit., p. 421.

³⁸ *Ibid.*, p. 91.

³⁹ Plotino, *Plotinus in Seven Volumes: Enneads V 1-9*, cit., p. 21.

4. A inefabilidade do Belo e do Bem

Tal como explicitado anteriormente, o Uno é sumamente simples e não possui inteligibilidade, pois de outra forma ter-se-ia de se predicar à primeira hipóstase multiplicidade. Assim sendo, ter-se-á de inferir que a Unidade Primordial é informe e indeterminada⁴⁰, pois a forma, tal como já havia explicitado Aristóteles, é inteligível⁴¹, e a inteligibilidade, de acordo com as *Enéadas*, é própria à natureza do Intelecto, à natureza daquilo que é ser⁴². No entanto, o Uno está além do próprio ser, isto é, das formas inteligíveis que constituem a segunda hipóstase. Neste sentido, o Uno é inefável, pois na medida em que transcende o ser, encontra-se além de qualquer inteligência⁴³.

Se o próprio Intelecto, tal como declarado no tratado V das *Enéadas*, é incapaz de apreender a verdadeira natureza simples do Uno, gerando, enquanto o contempla, múltiplas formas inteligíveis em-si⁴⁴, então a alma humana, que está num grau de processão inferior ao da segunda hipóstase, distorcerá ainda mais a natureza

⁴⁰ Cfr. Plotino, *Plotinus in Seven Volumes: Enneads VI 6-9*, cit., p. 185.

⁴¹ Cfr. Aristóteles, *Metafísica*, cit., pp. 331-333.

⁴² Cfr. Plotino, *Plotinus in Seven Volumes: Enneads V 1-9*, cit., p. 87.

⁴³ Cfr. *ibid.*, p. 117.

⁴⁴ Cfr. *ibid.*, p. 109.

simples da transcendente Causa Primeira⁴⁵. Em suma, quando a alma humana tenta, através da sua potência discursiva, raciocinar acerca da Unidade Primordial, tal raciocínio já é mais pobre que as próprias formas inteligíveis do Intelecto, na medida em que a potência discursiva se encontra entorpecida pela sua proximidade à matéria⁴⁶. Porém, ainda que a Alma se voltasse totalmente para a segunda hipóstase, numa ascese, e compreendesse no mesmíssimo ato todas as formas inteligíveis do Intelecto, não se teria ainda nenhuma compreensão verdadeira da natureza do Uno, pois este transcende o próprio conhecimento, a própria formalidade múltipla inerente à segunda hipóstase:

Ele é, no entanto, verdadeiramente inefável: o que quer que digam acerca dele, estarão já a falar acerca de uma coisa. No entanto, dizer que o Uno está 'além de todas as coisas e além da suprema majestade que é o Intelecto' é a única maneira, de todas as maneiras de se falar dele, que é verdadeira⁴⁷.

Na medida em que o Uno é identificado com o Bem e, concomitantemente, com o Belo, ter-se-á de inferir, uma vez que se afirma que o Uno é inefável, a própria inefabilidade do Bem e do Belo. Neste sentido, o Belo, na medida em que se identifica com o

⁴⁵ Cfr. *ibid.*, pp. 59-61.

⁴⁶ Cfr. Plotino, *Plotinus in Seven Volumes: Enneads IV 1-9*, cit., p. 91.

⁴⁷ Plotino, *Plotinus in Seven Volumes: Enneads V 1-9*, cit., p. 117.

Uno, é informe e não é passível de ser compreendido, pois está para além do próprio conhecimento, transcendendo completamente o ser.

Uma vez compreendida a inefabilidade de Deus, isto é, do Belo, do Bem ou do Uno, na filosofia neoplatónica, de Plotino, analisar-se-á agora como tal pensamento também se encontra expresso no atomismo lógico, de Wittgenstein. No entanto, somente se poderá entender a inefabilidade do Belo, presente no *Tractatus Logico-Philosophicus*, quando entendida a relação isomórfica entre o mundo, o pensamento e a linguagem.

5. O isomorfismo entre o mundo, o pensamento e a linguagem

O Mundo, de acordo com Wittgenstein, é tudo aquilo que é o caso, isto é, o mundo é a totalidade dos estados de coisas existentes e não das próprias coisas, ou dos próprios objetos⁴⁸. No entanto, o que são estados de coisas e de que maneira se distinguem dos objetos?

Os objetos, segundo o lógico, são simples, firmes e subsistentes, e, exatamente devido a não serem compostos, formam

⁴⁸ Cfr. Ludwig Wittgenstein, *Tratado Lógico-Filosófico. Investigações Filosóficas*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa 2015, p. 29.

a substância do Mundo, isto é, a forma fixa da realidade⁴⁹. Os objetos contêm, em-si, a possibilidade de ocorrer num estado de coisas, afinal, tal como declarado no *Tractatus*: «Em Lógica nada é accidental: se uma coisa pode ocorrer num estado de coisas, então a possibilidade do estado de coisas tem que estar já pré-julgada na coisa»⁵⁰. Wittgenstein denomina a possibilidade da ocorrência de um objeto num determinado caso de forma do objeto⁵¹. Assim sendo, poder-se-á inferir que a substância do mundo, por ser formada somente por objetos, contém já todos os possíveis factos.

Os estados de coisas, de acordo com Wittgenstein, consistem na combinação entre objetos⁵². Se o objeto é simples, firme e subsistente, então os estados de coisas são inconstantes, mutáveis e insubsistentes⁵³. Num certo caso, os objetos encontram-se configurados entre si de uma maneira precisa e determinada. Sendo que Wittgenstein denomina essa «maneira precisa e determinada» de estrutura do estado de coisas, e à possibilidade da existência de tal estrutura de forma⁵⁴.

⁴⁹ Cfr. *ibid.*, pp. 32-33.

⁵⁰ *Ibid.*, p. 30.

⁵¹ Cfr. *ibid.*, p. 32.

⁵² Cfr. *ibid.*, p. 30.

⁵³ Cfr. *ibid.*, p. 33.

⁵⁴ Cfr. *ibid.*, p. 34.

Uma vez que a forma fixa do mundo, isto é, a substância formada somente por objetos, contém, em-si, todas as possíveis combinações entre objetos, a saber, todos os possíveis estados de coisas, então absolutamente todo o espaço lógico já está determinado e não é possível criar combinações novas entre objetos⁵⁵.

O pensamento é, de acordo com Wittgenstein, a imagem lógica dos factos⁵⁶. Assim sendo, um pensamento representa um determinado caso do espaço lógico⁵⁷. Existe, num pensamento, uma correspondência exata a um estado de coisas. Se num determinado caso os objetos se encontram configurados entre si de uma determinada e precisa maneira, então na imagem desse estado de coisas, os elementos da imagem, que correspondem aos objetos desse caso, encontrar-se-ão configurados da mesmíssima forma⁵⁸. Neste sentido, tal como a configuração dos objetos de um determinado caso é a estrutura do estado de coisas, então a configuração precisa dos elementos de uma imagem é a «estrutura da imagem»⁵⁹.

⁵⁵ Max Black, *A Companion to Wittgenstein's Tractatus*, Cambridge University Press, London 1971, p. 65.

⁵⁶ Cfr. Ludwig Wittgenstein, *Tratado Lógico-Filosófico. Investigações Filosóficas*, cit., p. 38.

⁵⁷ Cfr. *ibid.*, p. 37.

⁵⁸ Cfr. *ibid.*, p. 35.

⁵⁹ Cfr. *ibid.*, p. 35.

Segundo Wittgenstein, a linguagem é o conjunto total das proposições⁶⁰. Uma proposição, de acordo com o *Tractatus*, é um pensamento tornado perceptível, seja através de sinais sonoros ou escritos⁶¹. Em síntese, como diria Frege, uma proposição é um pensamento com «roupagem»⁶². Sendo assim, se um determinado estado de coisas é constituído por objetos, configurados de maneira precisa, e se na imagem lógica (pensamento) desse determinado caso, os elementos da imagem correspondem, exatamente, aos objetos desse estado de coisas, então, na proposição que diz esse facto, os elementos do sinal proposicional, isto é, os sinais simples (ou nomes), estarão, também, necessariamente configurados de maneira precisa, correspondendo, com exatidão, à estrutura do respetivo estado de coisas⁶³. Logo, tal como um pensamento é uma imagem da realidade (ou um modelo da realidade), também uma proposição (que é só um pensamento perceptivelmente expresso) é uma imagem e um modelo da realidade⁶⁴.

Existe, segundo o *Tractatus*, uma conexão isomórfica entre o mundo, o pensamento e a linguagem. No entanto, o que possibilita, em-si, a existência de tal isomorfismo? De acordo com Wittgenstein,

⁶⁰ Cfr. *ibid.*, p. 52.

⁶¹ Cfr. *ibid.*, pp. 39-40.

⁶² Cfr. Gottlob Frege, «The thought: A logical inquiry», *Mind* 65 (1956): 292.

⁶³ Cfr. Ludwig Wittgenstein, *Tratado Lógico-Filosófico. Investigações Filosóficas*, cit., p. 41.

⁶⁴ Cfr. *ibid.*, p. 53.

a forma de representação pictórica é o que permite que se faça de um determinado caso imagem, ou seja, é o que possibilita que se dê determinado pensamento⁶⁵. Porém, não é possível representar-se (ou pensar) a própria forma de representação pictórica⁶⁶. Afinal, tal como confirma Max Black: «Para que uma imagem representasse sua própria forma de representação, ela precisaria, *per impossibile*, colocar-se fora de sua própria forma de representação»⁶⁷. Não obstante, apesar de não se poder pensar a forma de representação pictórica, Wittgenstein declara que tal forma pictórica é, em-si, uma forma lógica, que é, aliás, a própria forma da realidade⁶⁸. Pelas palavras de Anscombe: «Não há nenhuma forma de representação em questão, exceto a forma lógica»⁶⁹.

A proposição pode representar a realidade inteira, mas não pode representar aquilo que ela tem em comum com a realidade para a poder representar – a forma lógica. Para podermos representar a

⁶⁵ Cfr. *ibid.*, p. 36.

⁶⁶ Cfr. *ibid.*

⁶⁷ Max Black., *A Companion to Wittgenstein's Tractatus*, cit., p. 87.

⁶⁸ Cfr. Ludwig Wittgenstein, *Tratado Lógico-Filosófico, Investigações Filosóficas*, cit., p. 37.

⁶⁹ G.E.M. Anscombe, «The Simplicity of the *Tractatus*», *Crítica* 21/63 (1989) 3-16., esp. p. 4.

forma lógica, teríamos que nos poder situar com a proposição fora da lógica, isto é, fora do mundo⁷⁰.

6. A inefabilidade do que transcende o mundo, no *Tractatus*

Existe, tal como é compreendido pela citação acima, uma impotência inerente à linguagem. Em suma, tal como Wittgenstein já havia explicitado numa carta a Russell, o objetivo do *Tractatus* é separar nitidamente aquilo que pode ser dito, daquilo que, apesar de não poder ser dito, se mostra nas proposições⁷¹.

Tal como explicitado anteriormente, o que é possível dizer são estados de coisas, afinal a proposição é um pensamento tornado perceptível, por sons ou por escrita, e tal pensamento é imagem de um certo caso do espaço lógico. No entanto, existe no *Tractatus* aquilo que se mostra ou se exhibe na realidade e, de acordo com Anscombe, tal podia, efetivamente, ser considerado verdadeiro se fosse possível dizê-lo⁷².

⁷⁰Cfr. Ludwig Wittgenstein, *Tratado Lógico-Filosófico. Investigações Filosóficas*, cit., p. 64.

⁷¹ Brian McGuinness, *Wittgenstein in Cambridge: Letters and Documents 1911-1951*, Blackwell, Malden 1995, p. 98.

⁷² Cfr. G.E.M Anscombe, *An Introduction to Wittgenstein's Tractatus*, Harper, New York 1965, p. 162.

A Lógica antecede como as coisas são, mas não o facto de serem⁷³. Neste sentido, «o que é místico é *que* o mundo exista, não *como* o mundo é»⁷⁴. O indizível, isto é, o místico, não pode ser dito, não obstante mostra-se no real⁷⁵.

Hoje fica-se pelas leis da natureza como algo de intocável, como os antigos ficavam diante de Deus e do Destino. Ambos têm e não têm razão. A ideia dos antigos era mais clara uma vez que reconheciam um limite claro, enquanto que no novo sistema se tem que dar a aparência de estar tudo esclarecido⁷⁶.

De acordo com Wittgenstein, a conceção moderna do mundo fundamenta-se na ilusão de que as leis da natureza são a explicação dos fenómenos da natureza. No entanto, tais leis fazem parte do problema, não da solução. O problema é porque é que as coisas são como são, nomeadamente, porque é que tudo aquilo que é o caso é, de facto, tudo aquilo que é o caso. Em suma, «os factos só pertencem ao problema, não à solução»⁷⁷. Afinal, a resposta ao *como* é sempre outro estado de coisas que é, e o problema é porque é que tal caso existe, porque é que tal estado de coisas é.

⁷³ Cfr. Ludwig Wittgenstein, *Tratado Lógico-Filosófico. Investigações Filosóficas*, cit., p. 112.

⁷⁴ Ibid., p. 140.

⁷⁵ Cfr. *ibid.*, p. 141.

⁷⁶ Ibid., pp. 136-137.

⁷⁷ Ibid., p. 140.

Na proposição 6.41, Wittgenstein infere que «o sentido do mundo tem que estar fora do mundo»⁷⁸, afinal, nele todas as coisas são como são, tudo acontece como acontece, no mundo não há qualquer valor e se houvesse não teria qualquer valor. Em suma, «não pode estar no mundo o que o tornaria em não acaso, porque senão seria de novo acaso. Tem de estar fora do mundo»⁷⁹.

A concepção de que o sentido do mundo tem de estar fora dele é reforçada através da proposição 6.432: «Como o mundo é, é para O que está acima completamente indiferente. Deus não se revela no mundo»⁸⁰. Em certo sentido, essa é a razão para Wittgenstein ter declarado que não é possível que haja proposições da Ética e da Estética. Afinal, de acordo com o lógico, a Ética e a Estética são Um e são o transcendental⁸¹. Assim sendo, as proposições, como somente dizem aquilo que é existente no mundo, não conseguem aceder o que está fora dele, o que o transcende. Pelas próprias palavras de Wittgenstein: «As proposições não podem exprimir nada do que é mais elevado»⁸².

Com a palavra *ética*, Wittgenstein entende a definição desenvolvida por Moore, nos *Principia Ethica*, a saber: «A Ética é a

⁷⁸ Ibid., p. 138.

⁷⁹ Ibidem.

⁸⁰ Ibid., p. 140.

⁸¹ Ibid., p. 138.

⁸² Cfr. ibid..

investigação geral sobre o que é o bem»⁸³ ou, semelhantemente, daquilo que é o mais valioso e importante, no sentido absoluto⁸⁴. Não obstante, o filósofo austríaco declara, na *Conferência Sobre Ética*, que utilizará o termo no sentido que inclua a parte mais essencial daquilo que é a Estética, a saber, a investigação geral sobre o que é o belo⁸⁵. Assim sendo, há uma mesmidade entre a Estética e a Ética, na medida em que ambas tratam daquilo que se encontra fora do mundo, daquilo que o transcende.

As proposições somente dizem estados de coisas do espaço lógico, que, em-si, já está determinado pelos objetos que formam a substância ou, noutra sentença, a forma fixa do mundo. Pelas palavras de Norman Malcolm: «As possíveis configurações dos objetos estabelecem os limites do que pode ser dito»⁸⁶. Assim sendo, as proposições não podem expressar nada mais elevado, isto é, nada que esteja para além do mundo e, em certo sentido, do próprio espaço lógico. Wittgenstein declara, então, que é evidente que não pode haver proposições da Ética e da Estética, pois estas abordam naturezas superiores à própria natureza proposicional. Em suma, na medida em que Deus está fora do Mundo, transcendendo-o

⁸³ Ludwig Wittgenstein, *Conferência sobre Ética*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa 2017, p. 49.

⁸⁴ Cfr. *ibid.*, pp. 51-53

⁸⁵ Cfr. *Ibid.*, pp. 49-51.

⁸⁶ Norman Malcom, *Nothing is Hidden*, Basil Blackwell, Oxford 1986, p. 4.

completamente, também o Belo e o Bem, que são Um, transcendê-lo-ão. Em suma, tal como declara Wittgenstein: «Existe no entanto o inexprimível. É o que se *revela*, é o místico»⁸⁷.

7. Conclusão

Concluindo, apesar da clara distinção entre o sistema neoplatónico, de Plotino, e o atomismo lógico, presente no *Tractatus* de Wittgenstein, poder-se-á convergir ambos os sistemas relativamente à inefabilidade do Belo, do Bem e, nesse mesmo sentido, de Deus. De acordo com as *Enéadas*, a primeira hipóstase encontra-se, devido à sua pura simplicidade, para além do próprio ser, transcendendo-o totalmente. Assim sendo, o Belo e o Bem, que são, em última instância, o Uno, são inefáveis, pois a alma particular somente pode inteligir as formas que, em certo sentido, se identificam com o ser. No entanto, uma vez que não há inteligibilidade no Uno e este é uma espécie de Não-ser, não se poderá pensar o Belo, nem tampouco explicá-lo através da linguagem. Da mesma forma, Wittgenstein declara que o sentido do mundo se encontra fora dele. Na medida em que Deus não se revela no mundo, a linguagem, que somente diz estados de coisas do mundo, não consegue compreender

⁸⁷ Cfr. Ludwig Wittgenstein, *Tratado Lógico-Filosófico, Investigações Filosóficas*, cit., p. 141.

aquilo que o transcende. Sendo assim, a Ética e a Estética, que são Um, não podem realmente ser investigadas, pois o Belo e o Bem, ainda que se mostrem no mundo, não estão, no entanto, nas coisas do mundo, transcendem-no. Em suma, ambos os pensadores consideram a existência de limites ora para o pensamento, ora para a linguagem, pois estas naturezas não conseguem expressar o que é mais elevado. Deus, o Belo ou o Bem, é o inefável, e tal concepção é o que conecta dois sistemas tão diversos como o neoplatonismo, de Plotino, e o atomismo lógico, de Wittgenstein.